

Escrever, Ver, Viver e Escreviver

por Victor Meirelles
Artista Pesquisador IP UFRJ,
Doutorando em Psicossociologia UFRJ
victormeirellesator.ufrj@gmail.com
IG: @victormeirellesator

Rio de Janeiro, Brasil, Mundo, 20 de novembro 2025

Escrever e Ver

Em pretas narrativas, ousar correr em meus poéticos passos a diz dizer as escritas histórias ouvidas pelos órgãos que habitam meu corpo ancestral. Que aqui se escreve, inscreve, para ser e se escrever.

E neste escrever, ver, viver e escreviver, ouço no adiantar da hora, que no estampar da história o disparo é na carne preta, carne, PRETA. O ponto lotado, o desafio que sempre está ao lado, no atraso do trem, a marmita se estragando, a fome que me faz de refém. Tudo. Tudo é marca de corrente, indecente, dependente, dissidente, descendente, arrancado-nos, sem os dentes, nos afastando dos entes. É navio negreiro.

O estalar já não mais se faz pelo chicote, mas se reproduz entre tais, educativamente, pelo projeto, projétil, no progredir perdido governador, a projetar em preta pele desgovernada uma bala que está sempre a sua, nossa procura e ao seu, nosso corpo negro acha sempre.

Bala perdida. Num mundo do *capetal*, que a perda é desperdício e prejuízo, o doce tão amargo do *capetalismo* doutor, que reconstrói a educação e se aponta como educador, desgoverna juízo de preço e de valor, bala que não se perde, acha sempre uma criança, um jovem e um morador, bala achada pela pele, na pele dessa pobre pessoa que nem a procurou. Eis o estalo desse Ser Humano que vive o lucro do horror, terror.

Tronco moderno, que em vias de fato, anda pelas ruas, transita a violência, a nos sufocar em uma mobilidade de tortura, que vaga pelas vielas com a clareza da euro-educação, por todas as noites de escuridão a nossa busca, reivindicando e enjaulando toda a nossa riqueza, realza de ancestral educação.

E no contratempo da embarcação, o negreiro atraca na estação. O açoite do relógio, o atropelar da multidão, a luz do enegrecido dia irrita a visão e na cara se repete a ferida, a agressão. A clara miséria por si só já fala, a gente é feito das marcas no tempo, das marcas do tempo.

Tempo que tende e pende a retornar... Mesmo nas literaturas que dizem que no passado não há como voltar, aqui estamos em um passado que nos persegue, vida a nos atormentar, presente confuso que mais parece um passado que teima no futuro desnortear, e numa realidade de tempo que nos provoca a não sabermos onde é nosso lugar.

Morreram os garotos da Candelária. Mataram os garotos na Candelária. Fez e faz 32 anos!

Passado tão presente, daqui de 2025 ainda ouço os gritos e disparos na carne preta, na carne NEGRA.

E por isso, sigo nas minhas palavras a sangrar, por essa escrita a voz do viver encontrar e vivo a escrever do meu lugar.

Viver e Escrever

E assim, para que hoje eu possa escrever, muitas coisas fiz e tenho que fazer.

E digo aqui com humildade, humanidade.

Para escrever... Vendo maconha, cocaína e craque. Vendo celular roubado e cartão clonado. Vendo carro adulterado, moto clonada, desemplacada. Vendo armas, vendo assassinato. Passei e passo a vida VENDENDO tudo isso! E ver e viver tudo isso me trouxe perspectivas.

Ontem, no passado, eu era escravo, escravizado, e hoje mesmo vendo e vivendo tudo isso, eu escrevo. Ontem, eu escravo escravizado, e agora eu escrevo. E aqui me escrevo, escrevendo esse eu, “eus” que habitam em mim.

Sem deixar tudo que vivo e vivi para trás, território aqui em linhas, sintonias na frequência narrativa do meu eu.

E para falar de corpo território, memória da minha pele, terra do meu existir.

Ressou no palco da minha voz. Senador Camará, eu vim de lá!

Se liga irmã, irmão, o que bate o coração, a bola voou, o sangue correu, a pipa rolou, a vida de alguns jamais voltou, sentado no colo da pedra vejo, o sorriso amanhã horizonte que até ontem não se chegou e a estação que há mais de 67 anos, o trem, a grade, a história, passou, se formou, informou, deformou.

Camará moleque, jovem senador! A dor de criança, a fome de esperança. A cria, o cria e a bonança. A visão, o contexto, a missão. Da raiz, do broto, do fruto do favelado, que ninguém acreditou. Mas na *sevirologia* ele se adiantou, deixou a arma, virou doutor, água correndo no mar, infiltrada no sistema dilema. Que é capa de jornal pelo trabalho que fundou, dá vida a histórias e memórias daqueles que se perderam por um país que os desacreditou.

Mas se liga no som que sai do coração, da boca palco da palavra, do corpo a brisa suave de quem se realizou, favela pés descalços que no mundo pisou e que hoje tem orgulho de dizer se sou o que sou, foi minha Mãe, Senador Camará Zona Oeste do RJ que me criou.

Dedico esse texto às lembranças de todos aqueles que vêm sendo arrancados de nós.



Silêncio. Por Carlos Pereira, 2025